

Maria Claudete Lima

Universidade Federal do Ceará; *claudete@ufc.br*

Reflexões sobre a medialidade em português

1. Introdução

Este trabalho discute as propriedades semântico-funcionais comumente apontadas, em outros trabalhos, como caracterizadores da voz média. Fundamenta-se no funcionalismo givoniano, segundo o qual a estrutura lingüística não é divorciada da função, e as formas significam meios dos quais o falante dispõe para seus propósitos comunicativos.

Nesse sentido, cabe avaliar, dentre diversas formas relacionadas, a motivação semântico-discursiva que leva à determinada codificação. Em outras palavras, se há várias formas para a codificação de uma mesma função, o que leva o falante a selecionar uma e não outra para seus propósitos comunicativos?

A voz média, por exemplo, mantém com a passiva e a reflexiva relações tão estreitas em português que, muitas vezes, se confunde com estas. A descrição que predomina nas gramáticas tradicionais é reflexo dessa dificuldade, uma vez que os autores mostram flutuações na classificação de determinadas formas como exemplos de voz média, de passiva, ou reflexiva. Até mesmo na lingüística há indícios dessa dificuldade, quando autores, como Camara Jr. (1977), não definem bem a chamada voz *médio-passiva*, ilustrada por casos como *vendem-se casas*, bastante discutidos na lingüística tradicional e moderna, para as quais têm-se dado interpretações diversas.

Nosso objetivo aqui não é oferecer uma descrição acabada da voz média em português, mas apenas apontar caminhos e descaminhos, tecer considerações nascidas de reflexões advindas da análise de dados do português atual (cf. Lima, 1999) e de um estudo-piloto sobre dados do português trecentista.

2. Revisão teórica

Entre os autores que trataram da medialidade em português, temos gramáticos pré-NGB e pós-NGB e lingüistas estruturalistas, gerativistas e funcionalistas. O critério usado na tipologia e conceituação de voz desses autores é variável em graus diversos.

Dentre os gramáticos pré-NGB que descrevem a voz média, embora nem sempre sob esta denominação, temos João Ribeiro (1899), Júlio Ribeiro (1908), Silva Jr. (1894),

João de Barros (1957), Barbosa (1875) e Bueno (1963). O traço mais geral apontado por estes gramáticos é a presença do *se*, o que leva alguns a considerá-la como subtipo da voz reflexa. Outro tipo que engloba a voz média, tal como se descreve hoje, é a chamada voz neutra, manifesta por verbos que não indicam nem ação nem recepção, mas apenas "fenômenos que se passam no próprio sujeito" (Bueno, 1963: 375).

Júlio Ribeiro (1908) resume estes principais pontos de contato: "o uso do *se* exprimindo a colaboração e espontaneidade do agente, serve para designar phenomenos naturais; a agua evapora-se, – o que difere de – a agua é evaporada [...]" (Ribeiro, 1908: 221).

João Ribeiro (1899), por outro lado, relaciona a média à passiva latina na propriedade de não-menção do agente: "fica, pois, demonstrado que as fórmulas românicas construídas com *se*, bem como as fórmulas latinas passivas, servem para exprimir a acção sem trazer a lume o agente". (Ribeiro, 1899:334)

Entre os gramáticos pós-NGB, poucos há que acatam a voz medial, já que a Nomenclatura Gramatical Brasileira instituiu apenas três vozes: ativa, passiva e reflexiva. Lima (1992) considera três tipos de medial: passiva, reflexiva e dinâmica. A média corresponde à medial-dinâmica, que exprime ou uma mudança de situação do sujeito, mas sem intervenção da vontade dele, ou uma atividade interna que se passa com o sujeito sem que ele tenha contribuído para tal: *ele feriu-se nos espinhos, o gelo derreteu-se*.

Outro autor que se dedicou ao assunto foi Said Ali (1964), que enfatizou a semântica da voz média: "[...] A condição do sujeito aqui é a de paciente. Estoutros intransitivos, ainda que tenham forma ativa, aproximam-se, pois, quanto à significação, antes dos transitivos passivos que dos transitivos ativos. (Said Ali, 1964:177).

O traço apontado aqui é a *afetação do sujeito*, pois, segundo o autor, uma das funções das construções médias seria indicar, por exemplo, que a ação não emana do sujeito, mas que ele foi afetado: "Pedro feriu-se nos espinhos", ou seja "Pedro ficou ferido". Verbos que indicam sentimento, conjugados com o pronome – *zanguei-me, aborreci-me, enganei-me* – indicam que "o mesmo efeito que o sujeito, como agente, produz em outros indivíduos, se produziu inversamente nele por uma causa qualquer exterior" (1964:178). Outra função da forma reflexa seria indicar "atos materiais, em geral movimentos, que o sujeito executa em sua própria pessoa iguais ao que executa em cousas ou em outras pessoas" (1964:178). Essa mesma construção empregada com nomes de coisas indica que "a ação se executa por si mesma no objeto de que se fala." (1964:179). Nesses casos, a voz medial denota atos espontâneos, sem agente ou causa aparente, como em *a vida extinguiu-se*.

O uso do *se*, em frases como *vendem-se casas*, considerado por voz passiva, é explicado pelo autor como um uma extensão do processo de denotar atos espontâneos: "a linguagem, aproveitando-se dessa facilidade, torna o mesmo processo extensivo a casos de outra espécie e trata como se espontâneos fôssem atos emanados de agente que não se quer ou não se sabe mencionar" (1964:179).

Assim, os principais traços da voz média (ou reflexa, ou neutra, conforme o autor) apontados pelos gramáticos são: (a) a construção pronominal; (b) a noção de espontaneidade da ação; (c) não-menção do agente; (d) afetação do sujeito e (e) função semântica do sujeito: paciente.

Na lingüística gerativa, a voz média figura ligada à noção de ergatividade. Assim, em Duarte (1989) e Whitaker-Franchi (1989). A primeira descreve as construções ergativas como portadoras das seguintes propriedades:

- (a) O argumento externo, se tiver a função semântica de agente, não pode ocorrer na posição de sujeito nem ser realizado estruturalmente como um SPREP (como ocorre nas passivas), daí a impossibilidade de **O João partiu-se o copo* ou **O copo partiu-se pelo João*.
- (b) Enquanto as frases com verbos transitivos admitem adverbiais de interpretação agentiva, a construção de *se ergativo* não os admite. Assim, pode-se dizer *O João partiu o copo deliberadamente*, mas não **o copo partiu-se deliberadamente*.
- (c) Embora exija uma interpretação não agentiva, a construção de *se ergativo* admite a expressão de uma causa externa não intencional ou de uma causa interna, desde que o constituinte que a exprima não ocupe uma posição de sujeito, como em *O cruzador afundou-se com o temporal / O vidro partiu-se com o calor excessivo* ou *O cruzador afundou-se sozinho / O copo partiu-se por si só*.

Whitaker-Franchi (1989) trata as construções ergativas no plano do léxico, observando, principalmente, a correlação causativa/ergativa. Para a autora, as propriedades das construções ergativas são as seguintes: (a) correlação causativa/ergativa no plano lexical da representação temática; (b) com alguns verbos, há ergativas sem *se*, com outros, só com *se*; (c) não relevância da explicitação do agente; (d) existência de verbos com uma relação AFET (x); (e) não há detematização do agente, porque este sequer existe. Sobre este último tópico, diz a autora: "quando se diz 'os galhos quebraram', na forma ergativa, já se supõe que a causa eventual exclui qualquer elemento agentivo da perspectiva do discurso (Whitaker-Franchi, 1989:132).

Vilela (1992:55) também relaciona a voz média à ergatividade, cujos traços essenciais seriam a impossibilidade de passivação, a designação de mudança de estado ou lugar e um sujeito paciente, sem qualquer controle sobre o processo que o verbo denota. Pelos exemplos apresentados, vemos que admite a facultatividade do *se*, como em *o bolo queimou(-se)*. Admite também a relação entre uma construção transitiva e ergativa, possível de ser realizada, inclusive, lexicalmente, como *matar/morrer*. Comparando a construção transitiva com a ergativa, o autor argumenta que, em ambos os casos, há a afetação do paciente, mas que, na transitiva, esta afetação é causada por um agente, resultado de sua ação, no caso da ergativa, a afetação se deve ao processo em si, admitindo-se no máximo, uma causa externa não intencional.

Kemmer (1993) é outra autora que, num estudo tipológico, de natureza semântico-cognitivista, apresenta diversos sistemas mediais em várias línguas. De modo geral, os tipos semânticos examinados envolvem eventos que ocorrem na mente ou no corpo de um ser humano ou de outras entidades animadas. Assim, eventos que codificam cuidados com o corpo, como *lavar-se*; eventos que designam movimentos como *virar-se*; eventos que mostram mudança na postura corporal, como *sentar-se*; eventos que envolvem autobenefícios, como *adquirir*; eventos naturalmente recíprocos, como *abraçar*; eventos de movimentos translacionais, como *saltar*; eventos de emoção, como *zangar-se*; eventos de atos de fala emotivos, como *queixar-se*; e eventos de cognição, como *acreditar*.

A autora dedica breves páginas aos eventos espontâneos por considerá-los um tipo bastante distinto dos outros domínios médios.

A common use of MMs across languages is in situations which designate changes of state of an entity, but in which no Agente entity receives coding. [...]. Events of this type will be termed spontaneous events. (Kemmer, 1993:142)

A autora explica que, para qualquer situação envolvendo uma entidade inerte sob uma mudança, duas possibilidades de conceitualização existem, refletidas na linguagem humana. O evento pode ser tratado como gerado por uma causa direta, ou sem referência a um causador. No primeiro caso, o causador percebido é tido como o iniciador do evento e a entidade afetada como seu ponto final. Este tipo de conceitualização é expresso por uma estrutura transitiva. Quando não há nenhum participante que pode ser inscrito num papel “causal”, uma estratégia típica é selecionar a entidade afetada pela mudança como o principal participante nominal, caso em que o evento é tratado como autônomo.

Numa perspectiva funcional, Givón (1993), apoiado em Hopper & Thompson (1980), define graus de transitividade com base em parâmetros sintáticos e pragmáticos e considera a voz média, ao lado da passiva, anti-passiva, reflexiva e impessoal, uma voz de-transitiva, porque apresentaria um decréscimo de transitividade. O fenômeno de de-transitivização teria três funções:

- a) *demoção do agente* que pode atender a diferentes motivações: o agente pode ser desconhecido, pode ser predito anafórica ou cataforicamente, ou ser universal ou estereotipado, e, ainda, pode simplesmente ser demovido como estratégia para evitar assumir responsabilidade.
- b) *promoção de um não-agente*, que consiste em, havendo a demoção do agente, outro participante ser interpretado como tópico.
- c) *estativização do verbo*: nas construções de-transitivas um evento passa a ser codificado como estado resultante, ou seja, um mesmo evento que é representado na voz ativa como tipicamente iniciado por um agente, como um processo limitado e de mudança rápida, na voz passiva, passa a ser representado como um estado resultante.

A voz média é definida por quatro critérios, que a diferenciariam dentre os outros tipos de vozes de-transitivas:

- a. o verbo envolvido é inerentemente um verbo transitivo, isto é, verbos de ação-processo que normalmente têm dois argumentos, um sujeito agente e um objeto paciente e que, na construção média, passam a verbos de processo ou estado, com um só argumento paciente ou experienciador, o que diferenciaria as médias das orações adjetivo-predicativas;
- b. o sujeito gramatical é paciente, o que as diferenciaria das construções impessoais;
- c. Não há um agente responsável claramente discernível e nenhuma ação, o que as separaria tanto da passiva com *be* “ser” como da reflexiva prototípica;
- d. enquanto um agente discernível está ausente, a construção não é usada primariamente como um artifício de demoção do agente, o que a distinguiria da passiva com *be* e de construções impessoais.

Este último critério parece negar à média uma das funções primordiais da de-transitivização, que é justamente a de demissão do agente, que o próprio Givón (1993) admite:

On occasion there may be personal, social or cultural reasons for proscribing the overt mention of the agent responsible for an event. This may be seen in children's frequent use of various middle voice de-transitives or their equivalents, as in the ubiquitous: *it broke, it fell, it got lost* (1993:50).

Desse modo, parece-nos que esse critério deve ser interpretado como uma afirmação de que a voz média, embora também seja um recurso de demissão do agente, não tem essa como sua função primeira. Restariam, então, à voz média duas funções básicas: (1) a promoção de um não-agente a tópico e (2) a estativização do verbo, que passa a denotar um estado resultativo ou um processo.

Do exposto, podemos resumir os traços da voz média apontados pelas várias abordagens lingüísticas nos seguintes: (a) presença de um *se* facultativo, que estaria desaparecendo; (b) relação com uma construção ativa/causativa; (c) noção de processo ou mudança de estado; (d) função de demissão do agente, como estratégia discursiva para isenção de responsabilidade; (e) codificação de eventos espontâneos; (f) impossibilidade de menção explícita do agente, mas admissão de uma causa externa não intencional ou de uma causa interna; (g) presença de um só argumento obrigatório, o sujeito que é tópico, afetado e paciente; (j) valor apenas correferencial do pronome, não anafórico.

Feita esta revisão, comentaremos cada um dos traços apontados como caracterizadores da voz média.

3. As propriedades da voz média

Aqui nos valeremos de dados analisados em Lima (1999) e num estudo-piloto para nosso projeto de Doutorado *a voz média no português trecentista*. Os primeiros foram coletados de um *corpus* do português atual falado em Fortaleza, PORCUFORT (Português Oral Culto de Fortaleza), organizado pelo prof. José Lemos Monteiro, que se constitui de 59 inquéritos, totalizando 49 horas de gravação, resultando em três tipos de registros: Elocução formal (EF), constituído de palestras e aulas; Diálogo entre Informante e Documentador (DID), constituído de entrevistas, e Diálogo entre Dois Informantes (D2), constituído de conversas informais entre dois informantes com certa intimidade. Todos os informantes são graduados e naturais de Fortaleza. Do *corpus*, coletamos 626 ocorrências de voz média, que foram categorizadas e analisadas com o programa *SPSS 7.5 for Windows* de análise estatística. Para fins de comparação da frequência, coletamos também as passivas com *ser*, que totalizaram 1248 ocorrências.

Os segundos dados foram coletados dos 15 primeiros capítulos de uma edição crítica do Livro Terceiro da obra *Os Diálogos de São Gregório*, intitulada *Os Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório*, tese de doutoramento de Mattos e Silva (1971). Mattos e Silva (1971) analisou sistematicamente o documento, concluindo que este apresenta características lingüísticas próprias de documentos anteriores ao séc. XV e se situa provavelmente no último quarto do séc. XIII. Neste estudo-piloto, partimos da função para a forma e coletamos todas as formas de não-menção de um sujeito agente, o que resultou 72 ocorrências, de médias, passivas e outras construções não-agentivas.

3.1. A presença do pronome

A média pronominal é o tipo mais comum, pelo menos, na língua falada em Fortaleza (cf. Lima, 1999). No total de 625 ocorrências de voz média, 415 (66,4%) foram de média pronominal, contra apenas 33,6% de média não-pronominal. Os dados indicam que a média pronominal é praticamente regra com verbos de sentimentos, pois 95,5% dos verbos de sentimento foram codificados na forma pronominal. Com os verbos de outros campos semânticos, a diferença não foi tão significativa: 61,2% de pronominal, contra 38,8 de não-pronominal.

No *corpus* do português trecentista, houve 28 casos de média pronominal dentre todos os casos de sujeito não agente, o que resulta em 38,9% do total de ocorrências. Considerando apenas o total de médias (34), esse percentual sobe para 82%. Podemos dizer que parece ser, de fato, o pronome uma marca da média prototípica. Nossos dados não são plenamente compatíveis com a hipótese impressionista de Camacho (2003) de que a média estaria deixando de ser marcada pelo pronome *se* no português do Brasil. Afinal, há consideráveis diferenças regionais quanto ao uso do pronome, como afirma Monteiro (1994):

A variação é frequentemente diatópica. [...] Não sabemos ainda em que regiões brasileiras a perda dos clíticos é mais acentuada [...]. Em suma, não sabemos de modo conclusivo se o emprego de clíticos redundantes constitui um fenômeno arbitrário e idiossincrático ou se decorre de motivações sintáticas e/ou semânticas (Monteiro, 1994:94).

Monteiro (1994), todavia, também levanta como hipótese, com base em considerações diacrônicas, que a tendência atual do português do Brasil é o apagamento do clítico que se estende a qualquer verbo pronominal, embora reconheça, no seu *corpus* (projeto NURC) casos de redobramento que parecem anunciar uma nova mudança: *ela se torna-se um pouco grosseira*.

De qualquer modo, o índice de médias pronominais foi consideravelmente maior no português trecentista que no português atual, embora não possamos desprezar o fato de um *corpus* ser da modalidade oral e outro da modalidade escrita. Ainda assim, seria indício favorável à hipótese de Camacho? Que resultados teríamos, face a dados numéricos de outras regiões do país?

3.2. A noção de espontaneidade do evento

Esta propriedade se relaciona à não-menção do agente e à relação ativa/média e aproxima a voz média da impessoal, da passiva pronominal e de construções com *ficar*. Segundo Gonda (1960), citado por Kemmer (1993:146), construções mediais de eventos espontâneos constituem exemplos de médias por excelência, se considerarmos a média indo-européia mantida em grego e em sânscrito. Os outros usos da média seriam derivados desse uso primário, posição partilhada por Said Ali (1964).

Avaliamos no *corpus* do português trecentista se o agente/causativo figurava no contexto ou estava expresso por um SP. A hipótese era a de que, se a média teria como função primordial indicar espontaneidade, haveria um baixo índice de menção de um agente ou causativo recuperável nos dados. Do total de 41 médias (incluindo as com *ficar/tornar*, excluídas da análise do PORCUFORT), 22 (53%) não tinham agente/causativo recuperável e 19 (46%) apresentavam menção ao causativo, o que mostra uma

pequena diferença. Já do total de agentes não-recuperáveis, 62,9% relacionavam-se à voz média contra 28% da voz passiva. Os dados sugerem que, para codificar um agente não-recuperável, a tendência é escolher a construção média, mas que esta voz serve igualmente para codificar eventos com causa externa. Nos dados do PORCUFORT, em que avaliamos o número de argumentos, variável apenas indiretamente ligada à espontaneidade, encontramos um alto índice, 77% (482/626), de médias com um só argumento. As construções de mais de um argumento tinham como centro verbos trivalentes, como *habituar-se*, *adequar-se*, *limitar-se* e, embora não tenhamos dados quantitativos precisos, por não termos analisado a variável *menção do causativo*, houve apenas raros casos de menção do causativo por SP. Já nos dados do português trecentista, tivemos um índice de causativo expresso por SP de 24%, percentual ainda reduzido, embora seja um dado que chama a atenção quando comparado com dados do português atual. Abaixo reproduzo alguns exemplos do *corpus* trecentista, em que o causativo é expresso com a preposição *por*, muito semelhante à expressão do agente na voz passiva atual:

- (01) a camara em que el jazia quando era enfermo *tremeu polo tremor grande da terra* (...) (2/48)
- (02) ca, *pela vista de cada dia da face da molher*, crece a cobiiça maa no coraçõ (8/5)
- (03) porque o livrou de tan gram perigoo en que *se el per seu pecado queria meter* (8/29)
- (04) o bispo de tan santa vida (...) foi abalado e *pela misericordia de Deus ficou en seu estado e no amor de Deus firme e arraigado* (8/39)
- (05) pera *non ensobvieceren per morte de muitos poderosos* e mui fortes seus contrairos (15/62)
- (06) ca lhis deu Deus hua enfermidade que chamam elefanto *per que lhis apodreçiam todos los membros* ata que morreram (16/24)
- (07) gram séquia era na terra *pola ram caentura de que ficava queimada* (16/65)

3.3. A função de demissão do agente e a relação causativa/média

Quanto à função de demissão do agente, propriedade intimamente ligada à relação causativa/média, consideramos que há um problema de coerência interna na abordagem funcionalista de Givón (1993), ao relacionar a média com uma ativa, mostrando que o objeto se transforma em sujeito na média e o agente é demovido, em pares como *Maria quebrou o copo/O copo quebrou*. Há especificidades semânticas em cada diátese que não justificam a propalada relação ativa/média.

A título de exemplo, apresentamos algumas construções médias, colhidas do PORCUFORT, em que o agente não pode aparecer, sob pena de tornar a frase agramatical:

- (08) a partir de amanhã *aumenta* o preço...(D2-07-14/418)
*a partir de amanhã aumenta o preço *pelo governo/com o governo*.
- (09) os preços *BAIxem* (D2-28-14/435)
*os preços baixem *com os comerciantes/pelos comerciantes*

Existem igualmente construções mediais que parecem não ter vínculo nenhum com causativas. Trata-se daquelas já reconhecidas por gramáticos tradicionais, como Maciel

(1914), em que o falante dá o evento como espontâneo, sem nenhum agente ou causa, como em *o copo quebrou por si só*. Ora, sabemos que, no mundo físico, muitos processos descritos pela voz média têm um agente ou uma causa específica, mas o falante os apresenta de modo a relevar o processo em si, como se o agente ou a causa não existisse. Neste caso, o que teria sido demovido?

Salientemos que o causativo pode aparecer como sintagma preposicionado, como nesses dados do *corpus* PORCUFORT:

- (10) a Índia também eu *me apaixonei* pela Índia...(DID43-14/498)
- (11) eu ME me *chateava* muito com o pessoal da Teologia da (D233-6/152)
- (12) ele queria aquele resPElto aquele comportamento que é difícil (sabe?) pai sempre... se *zanga* com os filhos (DID08-5/137)
- (14) os GRANdes arTISTas argenTInos... eh:: eles... eh:: se *FASCINAM* com a música brasileira...(D228-22/703)
- (15) a. uma freirinha lá que... se *empolgou* com a estó::ria...(DID41-363/307)

Trata-se de exemplos em que um SP causativo em construções mediais correspondem a SN de natureza também causativa, em construções causativas. A propósito disto, vale a pena citar Camacho (2002), segundo o qual a maioria das médias teria predicados de um só argumento, não derivados de uma construção causativa, em que o sujeito teria alguma qualidade própria para gerar o processo que emanaria só dele.

Consideramos esta função não como *demoção* do agente, mas como *não-menção* de um causativo, possibilidade já pré-configurada no léxico, sem derivação e sem transformações, mas, como diz Kemmer (1993), apenas como uma das possibilidades de codificação diante de duas estruturas possíveis na língua: a estrutura transitiva e a estrutura medial. De certo modo, alguns dos autores citados acima já alegavam a não-pertinência dessa função para a voz média. Por exemplo, Whitaker-Franchi (1989) diz claramente que não há detematização de um agente, simplesmente por este não existir na rede temática. O próprio Givón (1993) também arrisca dizer que a média não tem como função primária esta função, por não haver um "agente claramente discernível", conforme discutimos acima. Na verdade, não negamos à média o fato de ser uma frase não-agentiva; o que contestamos é ser ela derivada de uma frase agentiva. A média acha-se relacionada a uma construção causativa, em que teríamos uma relação causativa/incoativa, pelo menos prototipicamente, em tese. Contudo, esta ligação não se dá por nenhum tipo de vínculo transformacional: são apenas duas estruturas disponíveis aos propósitos comunicativos do falante do português.

Cabe ainda uma questão: se a média nem sempre expressa eventos espontâneos, o que levaria o falante a optar por ela e não por uma estrutura causativa na codificação de determinado evento? A hipótese é que seria uma estratégia do falante de evitar assumir responsabilidade, uma extensão da expressão de atos espontâneos com uma clara função discursiva. Nesse caso, postulamos que isso ocorreria diante de eventos que expressassem afetação negativa, ou seja, que traduzissem idéias desagradáveis.

- (16) a camara em que el jazia quando era enfermo tremeu polo tremor grande da terra (...) (2/48)
- (17) e todos aqueles que viron a morte do bispo Paulino ficaram muito espantados por aquelas cousas que hi viram (2/50)

Essa hipótese foi corroborada pela análise dos dois *corpora*. No PORCUFORT, em apenas 13,5% do total de ocorrências de médias, o sujeito era favoravelmente afetado pelo processo. Nos *Diálogos*, apenas 12,2% (5/41). Os dados restantes eram de afetação negativa ou não-se-aplica, com predominância da primeira.

3.4. Afetação do sujeito

A afetação do sujeito relaciona-se à caracterização semântica do SN. Nos dados do PORCUFORT, encontramos 84,2% de sujeitos pacientes, 14,6% de experienciador e 1,3% de beneficiários. Nos dados dos *Diálogos*, encontramos 50% de sujeitos pacientes, 29% de experienciador e 20% de objeto do total de médias expressas na forma pronominal e não-pronominal. As médias com *ficar/tornar*, que correspondem a 17% do total de médias, tiveram 100% de SN experienciador. Quanto ao grau do traço [animado], tivemos uma predominância de sujeitos inanimados com as médias pronominal e não-pronominal: 55% (19/34). Com a média com *ficar/tornar*, houve 100% de sujeitos animados, destes a maioria, 85,7%, humanos. Estes dados vêm confirmar a tendência de o sujeito da média ser inanimado e paciente. Contudo, a totalidade de sujeitos animados com a média com *ficar* merece um estudo mais atento. Seria indício de uma função diferente? As construções com *ficar* pertencem de fato ao sistema medial? Estas construções dão margem a diferentes interpretações: há quem as classifique como predicativas, como passivas e como médias. Givón (1993) é um dos que oscilam na classificação das orações com *get* do inglês, aparentadas com nossas construções com *ficar*. Essa oscilação talvez se deva à forte relação diacrônica entre passiva, predicativa e média.

3.5. Topicalização do paciente

A função de topicalização do paciente é uma propriedade compartilhada por várias construções de-transitivas, como a média e a passiva. Para testar o grau de topicalidade do paciente, embora de forma indireta, Givón (1993) propõe duas medidas quantitativas: a persistência do tópico, que mede cataforicamente a importância temática do referente, e a distância referencial, que avalia anaforicamente o grau de acessibilidade do referente. Para medir a persistência do tópico, adaptamos a proposta do autor e contamos o número de vezes em que o referente do SN aparece nas três orações seguintes, resultando numa escala de 4 possibilidades: alta persistência, média persistência, baixa persistência, não-persistência. Quanto à distância referencial, contamos o número de vezes em que o referente aparece nas três orações anteriores à construção média, o que resultou em 4 possibilidades: altamente tópico, medianamente tópico, fracamente tópico e não-tópico.

Os dados dos *Diálogos* mostraram uma tendência de a média intransitiva apresentar não-persistência do tópico (55% de não-persistência contra 44% de persistência – agrupando aqui a média e a alta persistência). Quanto à distância referencial, a média intransitiva apresentou 22 ocorrências de SN tópicos (67%), contra 12 de SN não-tópicos. Já a média com *ficar/tornar* apresenta uma tendência à persistência do tópico, 85,7% e à alta topicalidade: 71,4% contra apenas 28% de não-tópico.

Outra variável também ligada à topicalidade é o status informacional do SN. Inspiramo-nos na escala de Prince (1981) e concluímos pelo alto grau de topicalidade do

SN das médias, mas em especial da média com *ficar*, que apresentou 100% de status informacional evocado, ou seja, o referente do SN já estava no discurso .

Nos dados do PORCUFORT, tivemos 85,7% de informação evocada expressa por sujeitos mediais antepostos e 68,3% entre os pospostos.

Estes resultados sugerem que a construção média parece não atender à função de manutenção do tópico. Todavia, o alto índice de distância referencial 1 e *status* informacional evocado mostram que o emprego da voz média parece se relacionar à coesão textual e talvez sirva para fechar uma cadeia tópica.

Considerações finais

Das propriedades da voz média apontadas pelos autores, os dados corroboraram plenamente as seguintes: (a) a presença do pronome; (b) o recurso de isenção de responsabilidade; (c) a função de tópico.

Resta investigar melhor o problema relativo à espontaneidade do evento. Partindo da noção de espontaneidade para a forma, encontramos um alto índice de médias em contraponto com as passivas, mas, partindo da forma medial para a noção de espontaneidade, o índice não se mostrou significativo. Isto sugere volta aos dados para investigar a interferência de outros fatores.

Quanto às propriedades semânticas do SN sujeito, os dados confirmaram a tendência de o sujeito da média ser inanimado e paciente. Contudo, esta confirmação só ocorreu para as médias construídas na forma ativa com ou sem pronome. Com as médias construídas com *ficar* ou *tornar*, a categorização do sujeito como animado e experienciador foi categórica: 100% dos SN. Cabe analisar a especificidade das construções com os referidos verbos: serão de fato construções mediais em plenitude? Uma hipótese a ser investigada é que as construções com *ficar/tornar* enfatizam o evento, enquanto as demais, o SN.

Outra idiosincrasia das construções com *ficar* diz respeito à topicalidade. Os dados mostraram que as construções mediais intransitivas (ativa ± *se*) não têm persistência catafórica, embora apresentem alto grau de topicalidade, medida através da distância anafórica 1. As construções com *ficar* tiveram alta persistência e distância anafórica 1. Mais uma vez, impõe-se investigar a interferência de outro fator ou a especificidade discursiva com *ficar*.

Quanto ao *status* informacional, avulta-se a problemática em torno de *ficar*, que teve 100% de informação evocada. Com as médias intransitivas, houve apenas predominância de informação evocada.

Tudo isto referente a *ficar/tornar* sugere um estudo de modo a verificar se as construções de que constam merecem estatuto à parte ou se assumem em parte propriedades semântico-discursivas com as médias.

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, Jeronymo Soares (1875), *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa*, Lisboa, Academia Real das Sciencias.
- BARROS, João de (1957), *Gramática de Língua Portuguesa*, Edição organizada por José Pedro Machado, Lisboa, s/ed.
- BUENO, Francisco da Silveira (1963), *Gramática Normativa de Língua Portuguesa*, São Paulo, Saraiva.
- CAMACHO, Roberto Gomes (2002), "Construções de voz", *in* M. B. Abaurre & A.C.S Rodrigues (orgs). *Gramática do Português Falado*, vol. VIII, Campinas, Editora da UNICAMP, pp. 227-316.
- CAMACHO, Roberto Gomes (2003), "Em Defesa da Categoria de Voz Média no Português", *Revista D.E.L.T.A.* v. 19, n.1, São Paulo.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso (1977), *Dicionário de Lingüística e Gramática: Referente à Língua Portuguesa*, Petrópolis, Vozes.
- DUARTE, Inês da Silva (1989), "Aspectos Gramaticais da Descrição do Português", *in* MATEUS, Maria Helena Mira *et al*, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- GIVÓN, T. (1993), *English Grammar: a Function-based Introduction*, Amsterdam, John Benjamins. v.1
- HALLIDAY, M.A.K. (1976), "Estrutura e Função da Linguagem", *in* LYONS, John (org.), *Novos Horizontes em Lingüística*, São Paulo, Cultrix.
- HOPPER, P. J. e THOMPSON, S. A. (1980), "Transitivity in Grammar and Discourse", *Language*, vol. 56, Baltimore.
- KEMMER, Suzannne (1993), *The Middle Vice*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha (1992), *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, José Olympio.
- LIMA, Maria Claudete (1999), *Elementos para um Estudo da Voz, em Especial, da Voz Média em Português*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Ceará, mimeo.
- LIMA, Maria Claudete (2002), "A Voz Média no Discurso Oral do Português: uma Abordagem Funcionalista", *in Revista Philologus*, nº 23, Ano 7, UERJ/CiFEFil, pp. 60-80.
- MACIEL, Maximino (1914), *Grammatica Descriptiva*, São Paulo, Francisco Alves.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1971), *A Mais Antiga Versão Portuguesa dos "Quatro livros dos Diálogos de São Gregório"*, Edição crítica, Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo, São Paulo, 4 vols., mimeo.
- MONTEIRO, José Lemos (1994), *Pronomes Pessoais*, Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará.
- MONTEIRO, José Lemos (org.) *O Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT*. Disponível na Internet via web. URL: <http://www.geocities.com/Paris/Cathedral/1036>. Acesso em 05/01/1998.
- PRINCE, E. (1981), "Toward a Taxonomy of Given/New Information", *in* P. COLE (ed.), *Radical pragmatics*, New York.
- RIBEIRO, João (1908), *Grammatica da lingua portugueza*, São Paulo, Francisco Alves.
- RIBEIRO, Júlio (1899), *Grammatica portugueza*, São Paulo, Miguel Melillo Editor.
- SAID ALI, M. (1964), *Gramática histórica da língua portuguesa*, São Paulo, Melhoramentos.

MARIA CLAUDETE LIMA

- SILVA JR., Pacheco (1894), *Grammatica da lingua portugueza*, Rio de Janeiro, Livraria Classica de Alves.
- VILELA, Mário (1992), *Gramática de valência: teoria e aplicação*, Coimbra, Almedina.
- WHITAKER-FRANCHI, Regina C. M. (1989), *As construções ergativas*, Dissertação de Mestrado, Campinas, IEL/Universidade Estadual de Campinas. Mimeog.